

CARLOS MENDONÇA

# GENTE DO NORDESTE NO AMAZONAS

(Reportagem em torno do repovoamento do Amazonas em 1942)

*Ambr  
F 68  
RAPO*

1943

MANAUS - AMAZONAS

Divulgação da Imprensa Pública

REPORTAGEM EM TORNO DO REPOVOAMENTO  
DO AMAZONAS EM 1942

- 1 — Eu vi um campo de concentração
- 2 — O Lago do Aleixo
- 3 — O fenómeno da sêca
- 4 — Dois sistemas de povoamento
- 5 — O povoamento em 1942
- 6 — Contrastes impressionantes
- 7 — O segundo periodo
- 8 — Esfôrço para a guerra
- 9 — A unidade politica
- 10 — Valorisação da terra e do homem
- 11 — A opinião dos técnicos
- 12 — Ressurgimento da Amazonia

## 1 — EU VI UM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO...

Não foi nas terras, vermelhas de sangue, da Europa ou da Ásia. Não foi em África. Foi em plena selva amazonica. Numa tarde serena de julho. A 17 de julho. Ao longe, o silencio da floresta, a quietude mansa das aguas, num fim de tarde luminoso e rubro. Aqui — um espectáculo inédito no cenário sonolento e tranquilo do Vale: — uma invasão...

Cerca de 2 mil pessoas — creanças, mulheres, velhos, homens válidos. Longa fila de caminhões. Surgem de improviso, na clareira da mata. Circundam e sobem a pequena colina. Avancam estrepitosamente, como numa carga de assalto. A um extranho pareceria o desdobramento de uma tática de guerra, na execução do cerco, pela manobra de flanco... Os carros avancam. Á luz indecisa do crepúsculo brilham metais de armas. Por coincidência, um minúsculo avião sobrevôa o campo... E os carros galgam a colina, no ultimo arranque, já dentro da praça, formando em seguida num alinhamento de parada. Desfaz-se a dúvida. Não são tropas de invasão; não são prisioneiros de guerra. São os prisioneiros da fome — os nordestinos — libertados do circulo de chamas dos sertões requemidos. Cerca de 2 mil pessoas — homens, creanças, mulheres — desembarcam dos caminhões. Com a mais variada bagagem. Caixas, malas, sacos, violões, armónicas, bacias, fogareiros, batis de sóla, pacotes, embrulhos — toda a fardagem de uma grande massa em retirada...



Os velhos chegam taciturnos e sombrios, lembrados da terra sertaneja, que não verão jamais. Os jovens espalham-se pela praça, admirados de encontrar no seio escuro da Selva tantas casas novas, amplas, confortáveis. Mulheres gritam e gesticulam á procura das bagagens, com os filhos agarrados ao clo. As fisionomias são profundamente abatidas, todas. Roupas sordidas. Descalços. A administração do campo faz distribuir o jantar e as fichas dos alojamentos. A noite ci, de repente. Todos se recolhem. Os carros regressam  cidade...

Apesar do abatimento fisico e moral que se notava  chegada, percebia-se-lhes igualmente, nos olhos espantados, certo deslumbramento, uma espécie de admiração sufocada, prestes a expandir-se... E' que les viam bem de perto o vrde sem fim que os cercava, a fartura cobiçada da agua... Dai a momentos recebiam a primeira dádiva da natureza amazonica: — a chuva caia, larga e farta, desoprimindo os ares, alegrando-os, memorando neles o mais forte sentimento nostálgico da terra incendiada... A maioria dos nordestinos correu para o pteo externo dos pavilhões, deixando-se enxarcar pela chuva e os gartos brincavam nas biqueiras...

Mais tarde, horas mortas, quem passasse pelos arruados do campo, ouviria aqui e ali plangentes sons de viola e descantes do sertão. les chegavam dos desertos combustos do nordeste, batidos pela inelmncia da terra deshumana e atirados para dentro desta Amazonia carinhosa — Canaan do Brasil — que os recebia, não apenas com os desvelos e proteção do governo, mas também com a oferenda das chuvas perenes, das aguas remansadas e das matas intrminas, que serão dêles para a fecundidade das scaras...



Pavilhão central da Administração e  
enfermarias

## 2 — O LAGO DO ALEIXO...

É um dos recantos mais belos da paisagem amazônica, o Lago do Aleixo. Situado a 2 horas de lancha da capital baré, tem em volta pequenos cômodos, que se vão escalonando ao norte, até muito longe. Pela frente, separado por estreita faixa de terra, desliza a massa ciclópica do rio Amazonas, barrando à distância os campos de Terra Nova. Aos fundos, as águas se comprimem entre altos barrancos até os "firmes" do Aleixo. Na margem direita do riachão está localizada a Colônia dos Nordestinos. Uma rodovia de 20 quilômetros liga-a a Manaus. Sobre um outeiro cercado de matas levantam-se as instalações. Em volta, igarapés de pequeno curso.

Construída em semi-círculo, a distribuição dos edifícios obedeceu às condições de luz solar e ventilação. Água potável, canalizada. Esgotos, fossas biológicas asépticas. Luz elétrica. Ao todo, 70 edificações de alvenaria, assoalhadas. Ao centro, a Casa do Rancho, com salão de refeitório, 2 cômodos, cozinha, armazém, dispensa, estufa e geladeira. Um imenso fogão ao centro da cozinha prepara refeições para todos os emigrantes, de uma só vez. Edifício do Casino, com salão de projeções, biblioteca, bilhares. Lavanderia. Instalações médicas, gabinete dentário, enfermaria, Rouparia. Pavilhão da Administração, em 2 pavimentos, com salas de expediente e secretaria. Residências do médico e administrador, 6 casas para funcionários, 4 pavilhões com apartamentos especiais. 15 pavilhões grandes, de 14 aposentos. 24 bangalôs para pequenas famílias.



Todos os edifícios são dotados de moderno serviço sanitário e cosinha. Duas vias de comunicações aproximam o Aleixo de Manaus: via fluvial, por meio de lanchas do Estado e particulares e a via terrestre, de 20 quilômetros, recentemente reparada de ordem do Interventor Federal, serviço êsse cometido a um destacamento de sapadores da Força Policial do Estado. Diariamente a Delegacia do Ministério do Trabalho fornece carne fresca, pão, leite e legumes para as refeições dos nordestinos.

A assistência médica, confiada ao dr. Almir Pedreira, se faz todos os dias.



Trecho do lago do Aleixo, e um grupo de nordestinos "assuntando" após o almoço.



### 3 - O FENÔMENO DA SÊCA...

A sêca do nordeste é uma calamidade crônica. Ultimamente tem se feito sentir desde 1940. Dois anos sem chuvas. Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará, logo atingidos, começaram a enviar para o Amazonas os primeiros contingentes. 200, 500, 700 emigrantes vinham chegando, em lévas sucessivas. O governo do dr. Alvaro Maia acolhia esses patricios com solicitude e bondade, hospedando-os em casas do Estado. Roupas, alimentação, cuidados médicos constituíam as primeiras providencias, até que seguissem para os seringais.

Em junho deste ano, porem, (1942) se acentuou ainda mais nos longinquos sertões a dolorosa tragédia. Roçados, plantações, pomares, culturas, pastagens, fazendas de gado, algodoais — tudo a sêca devastára. O sertão é um deserto queimado, — disse-nos um emigrante, na sua linguagem realista. Prenuncia-se a fome. As populações acorrem ás estações de estradas de ferro, refluindo para as capitais. Renova-se a classica retirada dos flagelados. E' o espetáculo de sempre, tantas vezes retratado nas páginas pungentes de Euclides da Cunha, José Americo e Raquel de Queiroz...

Governos estaduais das zonas atingidas ensáiam as primeiras providencias. Não podem morrer á nungua milhares de brasileiros. Entra em ação o Governo Federal. Navios do Loide são afretados. E os nordestinos, eternos caminheiros á procura de um oásis onde fincar o estêio



## **AVISO**

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.  
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO  
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL  
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A  
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO  
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

**FONE: (92) 2125-5330**

**FAX: (92) 2125-5301**

**EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)**



**Secretaria de  
Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA**